

A CRIAÇÃO DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO NA UNIVERSIDADE ESTADUAL DE LONDRINA: ENTREVISTA COM PROFESSOR JOSÉ ALOYSEO BZUNECK

Maria Luzia Silva Mariano¹

 <https://orcid.org/0000-0002-7563-2155>

Sandra Aparecida Pires Franco²

 <https://orcid.org/0000-0002-7205-744X>

Resumo: Esta entrevista foi cedida, inicialmente, para a pesquisa de Doutorado intitulada: A concepção crítica do trabalho docente dos alunos do curso de pós-graduação em educação: contradições e possibilidades para a formação omnilateral, defendida pela Universidade Estadual de Londrina, no Programa de Pós-Graduação em Educação. O objetivo da entrevista foi o de contextualizar a idealização e estruturação do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual de Londrina, que completou 25 anos em 2019.

Palavras-Chave: Programa de Pós-Graduação. Educação. Institucionalização.

THE ESTABLISHMENT OF THE GRADUATE PROGRAM IN EDUCATION AT THE STATE UNIVERSITY OF LONDRINA: INTERVIEW WITH PROFESSOR JOSÉ ALOYSEO BZUNECK

Abstract: This interview was initially conceded for the doctorate research entitled: The critical conception of the teaching work of the students from the graduate in education course: contradictions and possibilities for the omnilateral formation, defended by the State University of Londrina, in the Graduate Program in Education. The interview aimed to contextualize the conception and structuring of the Graduate Program in Education of the State University of Londrina, which has completed 25 years in 2019.

Keywords: Graduate Program. Education. Institutionalization.

LA CREACIÓN DEL PROGRAMA DE POSTGRADO EN EDUCACIÓN EN LA UNIVERSIDAD ESTATAL DE LONDRINA: ENTREVISTA CON EL PROFESOR JOSÉ ALOYSEO BZUNECK

Resumen: Esta entrevista fue concedida inicialmente para la investigación de doctorado titulada: La concepción crítica de la labor docente de los estudiantes del curso de postgrado en educación: contradicciones y posibilidades de la formación omnilateral, defendida por la Universidad Estatal de Londrina, en el Programa de Postgrado en Educación. El objetivo de la entrevista consistió en contextualizar la idealización y estructuración del Programa de Posgrado en Educación de la Universidad Estatal de Londrina, que ha completado 25 años en 2019.

Palabras clave: Programa de Posgrado. Educación. Institucionalización.

¹ Doutora em Educação pela Universidade Estadual de Londrina. Professora Adjunta na Universidade Norte do Paraná.

² Doutora em Letras pela Universidade Estadual de Londrina. Pós-Doutorado em Educação pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho. Professora adjunto da Universidade Estadual de Londrina.

Introdução

A história do curso de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual de Londrina, nível Mestrado Acadêmico, começa no ano de 1993 (Resolução nº 2.333/93 da Universidade Estadual de Londrina), tendo a primeira oferta de turma se iniciado no primeiro semestre de 1994. Em outros momentos a história do curso já foi contada por meio dos decretos e reformulações pelos quais o Programa passou ao longo de 20 anos de história (SILVA, 2008, IVASHITA; LUIZ JUNIORR, 2012, RECHE, 2015). Esses trabalhos são ricos em detalhes quanto às alterações nas linhas de pesquisa e à própria estrutura do Programa.

Entretanto, optou-se por contar a história do Programa por meio de uma entrevista concedida por um dos idealizadores do Programa e um dos seus primeiros coordenadores, o professor Doutor José Aloyseo Bzuneck. A entrevista foi realizada no dia 18 de dezembro de 2017, em horário previamente agendado com o entrevistado na sua residência. Em pouco mais de 30 minutos de conversa foi possível perceber e compreender o caminho trilhado pelo Programa até os dias atuais e o empenho de seus idealizadores para que ele se consolidasse. Vale ressaltar que o professor autorizou a divulgação da entrevista por meio da assinatura de um termo de consentimento livre e esclarecido.

O professor José Aloyseo Bzuneck é graduado em Filosofia, Mestre e Doutor em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano. É professor titular da Universidade Estadual de Londrina, tendo experiência na área de Psicologia, com ênfase em Ensino e Aprendizagem na sala de aula, atuando principalmente nos seguintes temas: motivação e aprendizagem, ensino e motivação, formação de professores e psicologia educacional.

Professor, o senhor poderia começar falando como foi pensado pelos professores a implantação do Mestrado em Educação?

Então veja, como é que foi... mais ou menos em 1993 no departamento alguns professores que deram a ideia de criar o Mestrado em Educação. Eu não fiz parte da primeira comissão. E então a ideia foi essa: temos doutores aqui no departamento, aqui na redondeza tem mais alguns, então podemos unir todos eles e fazemos um Mestrado. Até então, ninguém tinha ideia como é que é um Mestrado, sabia? Ninguém tinha uma ideia, era mais ou menos assim, estamos formando um novo curso em grau maior do que

as especializações. Nós tínhamos naquele tempo 3 (três) especializações em andamento. Então pensamos assim, acho que é o momento de subir um degrau, criar o Mestrado. Mas ninguém sabia o que consistia, quais eram as exigências da Capes, nada disso. Foi feito ali em cima da mesa: grade curricular, disciplinas, etc. E o departamento aprovou, o CEP aprovou, todo mundo aprovou.

Isso em 1993?

Ao longo de 1993. E abriu turma. Houve um edital, abriu turma, houve seleção. No fim de 1993. E então o cenário mudou. A maior parte desses professores que criaram o programa se aposentaram e ficamos só dois professores do departamento. O Alexandre não era educador, ele era metodólogo, tinha muita capacidade nessa parte. E eu dava aula de Psicologia da Aprendizagem e Desenvolvimento. Ou seja, não me lembro quem era o coordenador, mas de repente a maioria dos professores se aposentou.

Então, na virada para 1994 eu tive que assumir a coordenação por falta de outro, pelo menos assim, quem tem mais experiência assume. Assumi sem saber do que se trata e aí sabe o que eu fiz? Eu fiz uma argumentação para o departamento dizendo que nós não devíamos começar. Você pode pegar uma ata do departamento daquela época, eu apresentei todos os argumentos porque o Mestrado foi constituído por professores que se aposentaram. Bem aí vou te contar, tinha professor da área de comunicação, da matemática, da psicologia, da educação física e não sei mais de onde. Ou seja, tinha 80% de fora e só dois do departamento de educação, e dois que não são propriamente bem da linha. Bem, então eu sugeri não começar. Naquela hora já estava selecionada a 1ª turma, 10 alunos. O processo de seleção foi feito e foram aprovados 10 candidatos. Mas daí departamento disse: não, começa, demos um voto de confiança em vocês, já está tudo arrumado. E administração superior também, o pessoal da PROPPG daquele tempo apoiaram o início do curso, pois era um dos primeiros cursos de Mestrado da UEL.

Muito bem, então começamos e no fim do primeiro ano nós tínhamos que apresentar à Capes o projeto e aí é que a gente viu que estávamos muito mal preparados para o Mestrado, porque a ideia subjacente era que o Mestrado era um curso, com nome de programa, mas era um curso. Os professores tinham que dar a sua disciplina, orientar e não havia uma exigência clara de produção, ninguém sabia, nem eu não sabia. Então como eu era o coordenador eu tive que aprender. Eu fui para Campinas (Metodista de

Piracicaba), chamamos gente de fora para dizer como é que é Mestrado, vieram duas três pessoas assim que lidam com Mestrado. Eu fui uma vez para Mato Grosso do Sul (Campo Grande) atrás da coordenadora presidente da Anped, que é aquela que coordena o nosso núcleo na Capes. Fui atrás dela lá porque não conseguia contato com ela e alguém me disse ela está indo lá para Campo Grande. Eu fui até lá, a encontrei em uma Universidade e quando a encontrei disse: venha lá na Universidade de Londrina mostrar para nós como é que faz. Ela já sabia que o nosso programa estava muito cru, mas ela veio, ela até pediu para dar um recado para Maringá que ela ia lá, Maringá também estava começando e estava com problema.

Eu sei que ela foi para Maringá e eu fui buscar ela lá. Ela ficou um dia aqui, mas sabe que ela não disse nada de concreto: Escuta vocês precisam ter isso, isso e isso e vocês não tem, falta isso, falta isso e falta isso. A resposta não foi clara, ela ficou em linhas genéricas, falou com os alunos, os alunos contaram algumas coisas sobre como é que estava indo o curso, gostavam do curso, elogiaram os professores tudo mais e ela não disse um 'ai', porque eu acho que o papel dela não era orientar isso aqui. Bom, encurtando a história, na primeira vez que nós mandamos o projeto o curso já estava em andamento 1 ano ou 2 anos, não lembro ao certo, tinha que mandar para a Capes. Mandamos e reprovamos. Duas vezes reprovamos enquanto eu era coordenador, duas vezes.

Mas aí como ficou a questão dessa turma que ingressou?

Pois é, esse aí era o problema que me afligia. Depois da segunda reprovação pela Capes, a administração superior, a PROPPG daquele tempo, coordenadoria de Pós-Graduação, ela disse que nós devíamos suspender o curso, não ofertar vaga. Estava tudo nas minhas costas, né.... Porque eram dois ou três professores do departamento os outros todos de fora. Eu disse assim: mas e esses que já defenderam? Porque nessa altura já tinha gente defendido, gente que estava na segunda turma e se o curso parasse eles nunca receberiam o diploma. Isso seria um problema para nós, para a instituição e tudo mais. Não, nós vamos aguentar firme as pontas até acertar.

Então eu pedi a intercessão da diretora do centro, a Nadina, eu disse: escuta, fale direto com o reitor que nós não podemos interromper, nós vamos ter que ofertar vaga de novo e continuar. Ela foi falar com o reitor e ele autorizou a continuação do curso. E

pronto, eu soltei o edital e foi. Em seguida, a PROPPG daquele tempo foi falar com o reitor e disse assim: você não podia ter autorizado, aquele curso lá vai mal, não pode. Mas o reitor não voltou atrás, eu também não voltei, abrimos nova turma e foi. Nesse tempo então a gente já sabia o que é que precisava, o que não sabíamos no começo para ser um programa aceito. Hoje se sabe como é que é: o programa tem que ser um programa que tem uma espinha dorsal que é uma área de concentração clara ligada à educação, não é psicologia, não é comunicação, é educação. Isso bem definido. E pode ter uma, duas, três linhas, quanto quiser, mas ela tem que confluir para essa espinha dorsal. Agora o principal: Quem compõe essas linhas, quantas forem, tem que ser professores que produzam, publiquem! No começo ninguém tinha publicação.

Essa já era uma exigência da Capes naquela época, a produção?

Não era muito clara ou nós não sabíamos, das duas uma. É falta de comunicação com outros núcleos né, então a coisa foi muito mal informada. Bem, naquela época então a gente ficou sabendo que precisava haver produção. Tinha uma funcionária da PROPPG daquele tempo, não me lembro o nome dela, ela sempre dizia para mim: Professor estou muito preocupada com esse programa do Mestrado, não tem produção. De fato, era muito exígua, e o que tinha não tinha nada a ver com o núcleo, por exemplo: tinha professor da área de matemática, ele não produzia nada, não publicava. Tinha professor da área de comunicação, ele não publicava e se publicava era coisa completamente coisa da área deles, não da nossa área, e assim por diante. Ou seja, não havia unidade. É claro que na hora da avaliação pela CAPES não aprovava. Bom, mas a gente foi aprendendo e trabalhando nessa direção. Eu fiquei 5 anos, um ano de mandato tampão acabando o mandato de outro que eu não me lembro quem era, depois fui eleito 2 anos e reeleito mais 2 anos, 5 anos. Quando eu terminei o meu mandato 5 anos, logo em seguida o programa foi aprovado. Nós chegamos no ponto de aprovação e então os outros levaram para frente. Agora nesse percurso, mudamos muitas vezes critérios de entrada de aluno, no começo a gente levava muito em conta currículo e alguém disse assim: não, não pegue currículo senão você pega gente mais velha, que tem um currículo grande, mas não vai aproveitar nada. Pega esses jovens aí que estão começando, cheios de gás. Então a gente mudou. Mudamos várias vezes os critérios até chegar o modelo que tem hoje.

Esse aqui já tem vários anos, tem seleção, o currículo é o de menos, tem que ter outras coisas. E assim foi, foi uma luta até chegar.

Eu fui uma vez a Caxambu, na reunião da Anped, até para assuntar como é que estava em plano Nacional os programas. Mas eu notei uma coisa, a área da Educação, presidida então pela Miriam Warde, aquela que veio para Maringá e que eu trouxe aqui, ela então presidiu uma reunião um dia inteiro em uma sala só sobre montagem de programa, como é que tem que ser, quais são os critérios. Aí eu fiquei sabendo seguinte: área de educação até aquela época mais ou menos tinha critérios um pouquinho abertos, eu não digo frouxos, mas, mais assim... peculiares. E quem mandava na Capes era a área chamada hard, o pessoal da área de física, área mais forte e muito exigentes na metodologia científica. Eles estavam então impondo à Capes, e a Capes absorveu isso, que os programas de Pós-Graduação tinham que ter mais consistência metodológica científica e, portanto, produção, rigor, publicação tudo aquilo. E a educação pegou isso, tanto que a Miriam Warde ao assumir essa exigência, um tempo depois teve que renunciar ao cargo pois isso não foi bem aceito pela equipe, porque o pessoal da educação era muito assim... queriam tudo mais qualitativo, para não dizer assim tudo mais facilitado, nada de exigência em publicar em A, revista A, nada disso. Mas a Capes exigiu que os critérios fossem cumpridos a fim de que os programas adquirissem status internacional. Era esse o critério, tem que ter status. Um detalhe: quando nós começamos o programa não havia uma clareza, acho que nem em nível nacional, no que se exigia, era assim meio ia fazendo. A partir daquela viagem que eu fiz para Caxambu eu vi que era bem claro, as coisas mudaram, agora é mais rigoroso. É por isso que nenhuma vez nosso programa foi reconhecido, por que estava já em vigor um critério mais apertado, com razão, eu dou razão, tem que ser assim mesmo.

O Senhor se lembra quando foi essa viagem para Caxambu?

Ah, foi ali, na metade do meu mandato. Eu fiquei só durante a parte inicial que era referente aos programas, uma reunião de programas. Depois tinha a reunião da Anped propriamente dita que era sempre meio tumultuada, eu não fiquei. Bem, chamamos então a Miriam Warde que veio aqui, chamamos outras pessoas para assessorar, mas ninguém dizia muito claro. Um sugeriu: escute, vocês poderiam ter feito Mestrado em Psicologia porque era tão forte o núcleo da Psicologia, ele disse assim: isso aqui não é

bem educação. Educação tem áreas mais ligadas à Políticas, História, Filosofia. Nós tínhamos professores dessas áreas, mas era uma coisa assim meio marginal, não era o núcleo. E então não recebemos muita ajuda externa e foi meio assim aprendendo por tentativa e erro até chegar no ponto. No fim, quando eu ainda estava no mandato, no fim meu, nós pedimos para a Capes mandar assessoras para nos orientar, daí vieram duas gaúchas. Elas acharam que o programa já tinha evoluído bastante em comparação com começo, sugeriram alguns acertos aqui e ali e como elas davam um parecer, o parecer foi favorável, por isso que em seguida nosso programa foi credenciado.

E aí o que foi de bom, todos os que tinham defendido puderam ter o diploma. Se o programa tivesse parado, com a matemática aconteceu isso, o Mestrado de matemática depois de certa altura a Capes mandou parar, disse assim: vocês não tem futuro, pelo mesmo problema e eles pararam. Olha que eu sei ninguém conseguiu o diploma, foi um problema quem queria fazer doutorado não tinha diploma de Mestrado. Bom, depois disso a UEL aprendeu, porque não foi só o departamento que promoveu o curso, não foi, foi o departamento, o CEP, a comissão superior, foi tudo aprovado. Quer dizer, foi uma coisa da UEL por falta de conhecimento de como é que se faz programa de Mestrado. Com esse problema, com esse sofrimento do caminho, a UEL então aprendeu. A partir de certa altura passou a ser exigido: Quem quer começar Mestrado tem que começar credenciado, ou seja os professores tem que começar já mostrando produção, núcleo certinho, uma coerência de linhas, se não, não começa. Então não abre vaga enquanto não tiver o credenciamento. Esse é o certo.

Primeiro sai o credenciamento da Capes para depois ofertar vaga?

Isso. Parece que é assim agora, porque eles mesmo viram que tinham adotado um critério que depois só deu problema. Mas a UEL é nova, e era mais nova ainda naquele tempo, então havia muita falta de informação, estava em formação ainda, era a vida ainda infantil ainda da UEL.

Mas houve apoio da Universidade, do corpo da Universidade para a implantação do Programa?

Totalmente, totalmente. A Câmara de Pós-Graduação aprovou elogiando, o CEP aprovou, o segundo mestrado da UEL, tudo isso foi aprovado solenemente, sem saber no

que ia dar. Agora, antes de começar a primeira turma mesmo, foi em 94 começou a primeira turma, as aulas, ali eu vi aqui isso aqui não tem futuro, porque o departamento que propõe não tem gente. Então ele é feito, o Mestrado feito ecleticamente tudo que não é educação, como é que podia ser?

Foram dez vagas no início?

10 vagas.

E depois que foi acontecendo maior credenciamento de professor e ampliação da quantidade de vagas?

É, foram ampliados os professores, os professores começaram a publicar. Havia aquela cobrança em cima, não pode baixar a guarda. Quem não publica não pode ficar no programa, tem que sair. Naquele tempo não havia essa clareza e ninguém tinha essa força moral de: escuta, você não está publicando? Fora. Se não, não ficava ninguém. Veja, só para dar um exemplo meu, eu tinha dois artigos publicados em 1990 e 1991 na revista Semina que é local. Eles cobravam muito: publique aqui para a gente dar peso para nossa revista, tudo mais. Publiquei dois artigos, era o que eu podia mostrar naquela época. Em 1994 eu publiquei uma pesquisa grande que eu fiz em 1993, sem pensar em Mestrado porque eu não estava pensando nisso. Uma pesquisa em 1994 saiu, uma pesquisa que até hoje é citada porque foi a primeira com aquele referencial teórico, todo mundo cita, a primeira pesquisa do Brasil, eu nem sabia, mas foi só porque depois eu estava preocupado com essa parte burocrática não estava produzindo, custou para engrenar depois.

E essas mudanças nas linhas e nos núcleos também são decorrentes dessas adaptações para chegarem neste lugar que o senhor falou, nessa espinha dorsal? E por isso que foram necessários, até a gente chegar na estrutura que temos hoje?

Essa estrutura já tem alguns anos. Não sei se foi ali naquela virada minha, um pouco depois não lembro mais como é que foi isso não. Isso aqui você tem que pegar nos documentos como é que foram mudadas as linhas.

E as linhas que iniciaram o senhor não se lembra quais eram?

Não, nem sei se tinha. Era mais assim Mestrado em educação. Talvez tinha um rótulo para o programa, isso aqui você precisava ver na resolução que criou, isso é importante.

E aí não existia esse foco assim, se o aluno era formado para o ensino, para a pesquisa ou para a extensão?

Não, não tinha.

Isso foi se estabelecendo depois?

É, inclusive que o aluno tinha que fazer Estágio em Docência, isso foi bem depois.

O estágio em Docência então não era uma obrigação?

Não, não tinha nada disso não. Os primeiros alunos do curso eram professores universitários, até uma certa altura não havia aluno graduado só, eram já professores universitários que estavam buscando uma qualificação. As disciplinas do começo eram boas, era assim eclético, mas havia uma boa estruturação, os professores dominavam bem o conteúdo, era muito bom tanto que a maioria depois foi para o doutorado fora muito bem, tinha base, isso valeu. Mas não atendia a exigência de produção, de publicação. Isso aqui estava precário no começo.

E agora pensando então que o programa tem mais de 20 anos de história e nós só tivemos o doutorado aprovado só no final de 2015, para ingresso da primeira turma em 2016. Como que o senhor enxerga essa demora na abertura do curso de doutorado, a que a gente pode atribuir essa demora?

Seguinte, a nota mínima para credenciamento é 3. Custou para pegar o 3, como eu te disse, foi depois que eu saí. Tem que pegar 4. E demorou para pegar o 4. Quer dizer, entre o 3 e o 4, eu não sei, foram 10 anos ou mais. É o período em que se consolidaram as normas novas. A produção ficou mais abrangente, mais de acordo com o núcleo, mais produção, tudo aquilo, então enquanto não pegou o 4 não podia abrir doutorado.

Mas a demora para conquistar a nota 4 pode ser, o senhor acredita que é o que? Falta de produção?

Isso, a produção consentânea com o núcleo, com a espinha dorsal, tem que ser. E interessante, daqueles professores originais dos outros departamentos, com o andar do tempo, um por um foi deixando o Programa. Ou iam para o Mestrado na área deles, ou o departamento deles não deixava mais. Eu sei que foi realmente diminuindo a participação externa, que realmente é problemática, ajuda até certo ponto, mas você não tem domínio pleno. É só o departamento de educação mesmo que pode garantir, porque ali são os responsáveis, isso aqui foi uma evolução. Até hoje está assim, professor que é de outro departamento fica um tempo e a tendência é o departamento deles impedir de continuar. Eles puxam para lá, não dão horas, então daí ele tem que sair. Ainda tem, mas sempre com luta dentro do próprio departamento deles lá.

Acho que está bom, professor. A gente foi conversando e contemplou todos os pontos necessários. Tem mais alguma coisa que o senhor queira falar, que o senhor se lembre?

Acho que nada assim de importante. Eu fiquei na ativa até 2005. 2005 eu era ainda contratado pela UEL e depois eu continuei como professor sênior, quer dizer, de alguma forma dentro do Programa, mas sem vínculo empregatício com a UEL. E então eu participei menos a partir 2005, porque não tenho mais obrigação de reunião, eu não vou em reunião e acompanho sempre as resoluções deles lá, de vez em quando dou um palpite, mas não tenho uma vida muito intensa lá dentro não. Na seleção eu participo da seleção, sempre estou lá, agora vai ter né. E produzo ainda, estou produzindo. Esse ano estou publicando três artigos e mais um completo em congresso internacional e mais um capítulo de livro.

O senhor ainda continua bem ativo.

É, estou produzindo. Na última virada agora, no ano passado nós tivemos que apresentar o quadriênio, apresentar a produção. Então eu busquei todas as produções, incluí no lattes, tive que imprimir, é uma porção de burocracia ainda. Tive que imprimir o resumo de cada publicação da revista, uma página para cada publicação. Parece que em 4 anos eu tive 10 artigos publicados, que dizer, mais de dois por ano. Exige-se pelo menos

um, eu tive mais de dois por ano. Um ano mais, outro ano menos, mas eu tive 10 ou 12, uma coisa assim. Quer dizer, está bom, fiz minha parte.

Sim, o senhor continua contribuindo com o programa.

É, porque eu sei que é isso que garante o curso, o programa. O programa não vai sem produção e exigem A1, A2, essas coisas todas e isso não é tão fácil não. E tem revista na minha área que quando aprova o artigo, eles querem que passe para o inglês, para publicar em inglês. Agora, para mim é bom para continuar porque tenho energia ainda. Ano que vem eu vou pegar disciplina de novo. Esse ano eu não peguei porque eles fizeram assim, cada ano é um grupo de disciplinas e no outro ano é outro grupo, então meu grupo ficou para o ano que vem.

E o senhor pegou algum orientando esse ano?

Não, não peguei. Eu estou com duas andando e não estou pensando em pegar não, por enquanto não. E não peguei no doutorado também, porque no doutorado o programa é de 3 anos. Ah, você perguntou aqui e eu lembrei de uma coisa, no começo, até a primeira leva a gente dava 3 anos para o Mestrado, os primeiros fizeram em 3 anos, parece que as duas primeiras turmas. Depois houve a exigência da capes passando a ser 2 anos para o Mestrado.

Então a partir da exigência que o programa reduziu o tempo?

E aí reduzimos para 2, mas a primeira turma pegou 3, eu me lembro muito bem, foi folgado então para o aluno concluir, bem folgado. Mas agora mudou, agora são dois, com uma pequena prorrogação. E a UEL faz questão que seja dois anos mesmo, 24 meses. A prorrogação é possível, mas não é muito bem vista. A Capes aceita, a nossa área da educação aceita até dois anos e meio é normal, regular. Agora se passa disso prejudica o programa. Veja, até nessas coisas a gente tem que atender a normas externas, está sujeito à essas exigências complicadinhas, você já imaginou? Não tem choro não. A orientação é: tem que acabar, porque se não tem problema.

Agora eu te conto que era vexatório duas vezes olhar na lista da Capes o nosso programa ser reprovado. A primeira a gente aceitou facilmente. Realmente começou mal, tudo bem, mas vamos recuperar. Na segunda vez não deu ainda, foi só na terceira

que deu. A gente naquela época ainda não tinha conhecimento, a instituição como um todo ignorava o que era abrir um programa de Pós-Graduação, ignorava. A UEL queria mais programas, porque realmente o progresso de uma Universidade atinge Pós-Graduação, não é só graduação e especialização, tem que ter *Stricto Sensu* também que aí ela se estabelece mais, porque aí entra publicação, entra comunicação com as outras Universidades, no mundo inteiro.

Uma coisa que nós aprendemos naquele tempo foi que é muito importante ter convênio, contato com outras instituições, outros programas. Bem, por sorte eu peguei a Unicamp, porque o seguinte, uma professora de lá voltou dos Estados Unidos do Doutorado e publicou um artigo e eu vi que o artigo era do conteúdo similar ao que eu estava fazendo, eu escrevi uma carta para ela, naquele tempo não tinha e-mail. Escrevi uma carta para ela: escute, mais alguém trabalha com isso? Que tal a gente... e nasceu dali uma boa parceria que está até hoje, e outros lá da Unicamp também, daqui para lá, de lá para cá. Isso é muito enriquecedor.

Referências

IVASHITA, Simone Burioli; LUIZ JUNIOR, Celso. *O Mestrado em educação da Universidade Estadual de Londrina (1994-2010): dezesseis anos de história*. In: ABBUD, Maria Luisa *et al* (Orgs.). 50 anos da Pedagogia: FFCL/Londrina e UEL - 1962 a 2012. Londrina: EDUEL, 2012. p. 227-236.

RECHE, Bruna Donato. *A formação docente para o ensino superior no programa de Mestrado em educação da UEL e a perspectiva de alunos oriundos do bacharelado*. 2015. 296 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2015.

SILVA, Maria Suely Fernandes da. *O Mestrado em Educação da UEL: Um estudo das dissertações 1996-2006*. 2008. 88 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2008.